

ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE NA PENÍNSULA IBÉRICA



ADECAP
Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular

Porto
ADECAP
2000

Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular · Vol. VI

**3.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

UTAD, VILA REAL, PORTUGAL,
SETEMBRO DE 1999

uma organização ADECAP - UTAD

ACTAS

Coordenação Editorial Geral

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Vol. 6

**ARQUEOLOGIA DA ANTIGUIDADE
NA PENÍNSULA IBÉRICA**

Coordenação de

**THEODOR HAUSCHILD • M. JUSTINO MACIEL
VASCO MANTAS • TRINIDAD NOGALES
ALMUDENA OREJAS**

Porto
ADECAP
2000



Este Congresso foi realizado sob os auspícios de:

EAA – European Association of Archaeologists
 EAN-REA – European Archaeology Network - Rede Europeia de Arqueologia
 ICOM – International Council of Museums
 ICOMOS – International Council of Monuments and Sites
 IFRAO – International Federation of Rock Art Organizations

3.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR Actas – Vol. 6

publicação da

Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP)
 Rua Aníbal Cunha, 39 - 3.º - s. 7 - 4050-048 PORTO - Portugal.
 Faxes: (+351) 22 202 69 03 / 22 208 71 49 - E-mail: vojsoj@mail.telepac.pt

Composição, Impressão e Acabamento

A.C. Litografia
 Rua Conselheiro Lobato, 179 - 4700-338 BRAGA - Portugal.
 Telef. (+351) 253 27 29 67 / 253 61 65 40 - Fax (+351) 253 61 20 08
 E-mail: aclitografia@mail.telepac.pt

Distribuição:

Portico Librerias
 P.O. Box 503
 50080 Zaragoza - Espanha
 E-mail: portico@zaragoza.net

Outubro de 2001.

Tiragem: 1.000 exs.

Depósito legal n.º 148567/00

ISBN: 972-97613-9-6

Apoios: **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III.

Delegação Regional do Norte do Ministério da Cultura; Fundação Calouste Gulbenkian.

SUMÁRIO

SESSÃO 20

Espaço, Território e Paisagem na Hispânia Romana

Coordenadores: Almudena Orejas & Vasco Mantas	7
<i>Introducción</i>	9
<i>El territorio del oppidum de Ullastret (Girona) frente a la romanización,</i> por Rosa Plana Mallart, Aurora Martín Ortega	11
<i>Organización territorial y dinámica del paisaje en zonas litorales del nordeste</i> <i>de Hispania,</i> por Josep Maria Palet Martínez & Santiago Riera Mora	33
<i>Territorios marginales y romanización: las transformaciones del paisaje ceretano</i> <i>en Época Antigua,</i> por Oriol Mercadal Fernández & Oriol Olesti Vila	51
<i>Territorio y patrimonio en el Alto Guadalquivir. El paisaje de Sierra Morena,</i> por Luis María Gutiérrez Soler	71
<i>Sistemas de información geográfica aplicados al territorio de Écija. Algunos ejemplos,</i> por S. García-Dils de la Vega, J. Márquez Pérez & S. Ordóñez Agulla	85
<i>Organización y explotación del territorio en el Noreste de Lusitania: Las Cavenes de</i> <i>El Cabaco,</i> por M. Ruiz del Árbol & F.-J. Sánchez-Palencia	115
<i>Os vici da Civitas de Collippo,</i> por João Pedro Bernardes	131
<i>Parcelamento rural de Bracara Augusta: questões metodológicas,</i> por Helena Paula A. Carvalho	143
<i>Conclusiones</i>	147

SESSÃO 27

Arqueologia Romana

Coordenador: Trinidad Nogales Basarrate	149
<i>Introdução</i>	151
<i>Deorum Temene. Espacio sagrado y santuarios rupestres en la Gallaecia romana.</i> <i>Un intento de clasificación,</i> por Antonio Rodríguez Colmenero	153
<i>La romanización en la comarca de La Vall d'Albaida (València),</i> por Agustí Ribera & Joaquim Bolufer	197
<i>Procesos de helenización en el mundo funerario romano republicano,</i> por Alicia Jiménez Díez	215
<i>La monumentalización de las ciudades de la Meseta,</i> por M.ª Angeles Gutiérrez Behemerid	233
<i>Vías de comunicación entre Hispania y el Norte de Africa en época romana,</i> por Enrique Gozalbes Cravioto	253
<i>Significado de los casos gramaticales en los itinerarios romanos,</i> por Gonzalo Arias	267
<i>Evidencias materiales en el campamento romano de Cidadela (Sobrado dos Monxes,</i> <i>A Coruña),</i> por J. M. Caamaño, Gesto, I. Castro Paredes, M.ª J. Insua Liñares, M.ª C. López Pérez, M.ª A. Vázquez Martínez & C. Fernández Rodríguez	281

<i>El puente romano de Colloto (Asturias). Intervención arqueológica y lectura de paramentos</i> , por Alfonso Menéndez Granda	293
<i>Los capiteles toscanos de la porticus post scaenam del teatro romano de Itálica (Santiponce, Sevilla)</i> , por Oliva Rodríguez-Gutiérrez	307
<i>Mulsum betico. Nuevo contenido de las ánforas Haltern 70</i> , por Miguel Beltrán Lloris	323
<i>Los materiales de hueso trabajado de la villa romana de "El Saucedo" (Talavera la Nueva, Toledo)</i> , por M. Aguado Molina, O. Jiménez Cañizos, A. López Pérez, I. Panizo Arias & C. Taléns Alfonso	345
<i>Los vidrios romanos de la villa de El Saucedo (Talavera La Nueva, Toledo)</i> , por Ana Torrecilla Aznar	361
<i>Hallazgos numismáticos de los comienzos de Bracara Augusta</i> , por María del Mar Zabaleta Estévez	395
<i>Instalações mineiras romanas no Fojo das Pombas (Valongo – Portugal)</i> , por José Marcelo S. Mendes-Pinto	401
<i>A romanização do aro de Freixo de Numão</i> , por António Sá Coixão	421
<i>Povoamento rural romano do actual concelho de Arronches (Portalegre, Alto Alentejo, Portugal): a amostra disponível</i> , por Isabel Pinto	441
<i>Escavação arqueológica de emergência no assentamento romano da Fonte do Sapo (Mouriscas, Abrantes)</i> , por João Pedro Bernardes & Luís Filipe Coutinho Gomes	453
<i>Villa das Almoínhas (Loures, Portugal). Destaque para um conjunto de estruturas desta estação</i> , por Ana Cristina Oliveira	469
<i>A estação arqueológica de Frietas</i> , por Ana Raquel Mendes da Silva	479
<i>A villa romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): 8 anos de trabalhos arqueológicos</i> , por António Carvalho & Maria José Almeida	495
<i>Villa romana da Quinta das Longas (Elvas, Portugal): a cerâmica da lixeira baixo-imperial</i> , por Maria José de Almeida & António Carvalho	499
<i>Conclusões</i>	507

SESSÃO 28

Antiguidade Tardia na Península Ibérica

<i>Coordenadores: Theodor Hauschild & M. Justino Maciel</i>	509
<i>Introdução</i>	511
<i>Primera necrópolis tardía en el territorio de los Astures Transmontani: el yacimiento de Paredes, Siero (Principado de Asturias, España)</i> , por Otilia Requejo Pagés	513
<i>Santa María de Mijangos: de la arquitectura paleocristiana a la altomedieval, transformaciones arquitectónicas y litúrgicas</i> , por José Ángel Lecanda	535
<i>Evolución de las formas y funciones de la arquitectura militar romana en el Norte de Hispania: el caso de Tedeja</i> , por Ramón Bohigas, José Ángel Lecanda & Ignacio Ruiz Vélez	565
<i>Arquitectura Sacra de la Carthaginiensis Oriental durante la Antigüedad Tardia: las aportaciones de la Alcudia (Elche) y el Monastil (Elda)</i> , por Antonio M. Poveda Navarro	579
<i>Villa Sacra: the transformation of domestic space in some Late Roman villas of Hispania</i> , by Kim Bowes	597
<i>Capitéis de ara do Municipium olisiponense de tipologia acantizante</i> , por Carlos Jorge Canto Vieira	611
<i>Vestígios paleocristãos de Ervamoira – Vale do Côa</i> , por Gonçalves Guimarães	627
<i>A Necrópole Visigótica da Fonte Sapo</i> , por Álvaro Batista & Filomena Gaspar	643

<i>Decoração arquitectónica litúrgica da Antiguidade Tardia nos grupos pacense e eborensis</i> , por Licínia Nunes Correia Wrench	645
<i>Do romano ao islâmico: as escavações de 1997 na "Villa" do Montinho das Laranjeiras (Algarve)</i> , por M. Justino Maciel	657
<i>O Baptistério e o Conjunto Musivo de Mértola. Balanço das escavações recentes</i> , por Virgílio Lopes	669
<i>Reflexão sobre os vestígios paleo-cristãos no espaço urbano (Tomar)</i> , por Salette da Ponte	683
<i>Alto Paiva – Estratégias de povoamento da época romana à alto-medieval. Um projecto</i> , por Marina Afonso Vieira	697
<i>Sul culto di Mercurio nella Penisola Iberica</i> , por Giulia Baratta	701
<i>Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal – Contributo para o estudo dos baixo-relevos e outros elementos de escultura arquitectónica</i> , por Miguel Pessoa & Sandra Steinert Santos	709
<i>Sobre la cristianización de la topografía de la Córdoba Tardoantigua: el caso del Palacio de Cercadilla</i> , por Rafael Hidalgo	741
<i>Conclusões</i>	755

A ROMANIZAÇÃO DO ARO DE FREIXO DE NUMÃO

por

António Sá Coixão*

Resumo: Estudos aprofundados (prospecções e escavações sitemáticas) sobre a ocupação romana, vêm sendo realizadas, desde 1980, no aro de Freixo de Numão (concelho de Vila Nova de Foz Côa).

Uma provável *civitas* lusitano-romana, *villae*, casais, vias, uma provável “*mutatio*”, lagares, lagaretas, fornos, forjas, aras votivas, cerâmicas, moedas e outros materiais, têm sido inventariados, recolhidos, escavados, permitindo reconstruir a “paisagem” desta região na era dos imperadores.

O sítio mais importante (ou mais bem conservado) será o do Prazo (com 3 ocupações romanas, séculos I/II d. C., 2.^a metade do séc. III e era de Constantino – séc. IV). Uma *villa* cristianizada logo nos inícios do séc. V d. C. onde, sobre a casa senhorial, foi edificado um templo que irá perdurar até ao último quartel do séc. XIII.

O “mundo rural romano” tem aqui, no aro de Freixo de Numão, um vasto campo onde se investigar.

Palavras-chave: Inventariação; estudo; divulgação.

Até à década de 80 pouco ou nada se sabia sobre a ocupação romana no “aro de Freixo de Numão”. No entanto, como notas avulsas, J. A. Pinto Ferreira, no seu livro “Freixo de Numão – Apontamentos – Porto, 1959”, não deixava de referir a recolha de moedas romanas no Zimbro e Chão da Santa, sem no entanto avançar com referências a outros vestígios ou abordar a questão da romanização desta área.

Nos anos de 1980 e 1981, António N. Sá Coixão inicia um projecto de investigação tendo em vista o estudo da “romanização do aro de Freixo de Numão”. Nesses dois anos realiza duas sondagens no sítio arqueológico do **Prazo**, tendo desde logo apontado para a existência, naquele local, de uma provável Villa romana e de uma necrópole medieval.

No ano de 1984 realiza uma sondagem no sítio do **Salgueiro**, onde pensa ter escavado parte de uma estrutura relacionada com uma “oficina de canteiro”. Localiza-se, este sítio, numa área de transição do xisto para o granito, aí abundando o

* Licenciado em História; Mestre em Arqueologia Pré-Histórica; Arqueólogo; Professor do Ensino Secundário.

“aplito” (rocha granítica de cor esbranquiçada e de pouca dureza), muito aplicado, ao longo dos séculos, em ornamentos de arquitectura.

Ainda no ano de 1984 realiza uma sondagem no **Quintal da Casa Grande**, onde recolhe dados substanciais sobre a ocupação do lugar, desde a idade do ferro até ao século XVIII.

Seguem-se, a partir de 1985, escavações arqueológicas no **Quintal da Casa Grande**, **Zimbros II**, **Rumansil I**, **Colodreira / Escorna Bois** e **Regadas II**. A partir de 1995, a maior concentração de trabalhos arqueológicos tem-se registado no sítio do **Praço**, onde além de uma “villa romana” e “igreja medieval”, foram detectados e têm sido estudados (por Sérgio Rodrigues) vestígios do “neolítico antigo”.

A par de toda uma actividade de investigação metodológica, através do recurso a escavações e sondagens, realizou inúmeros trabalhos de prospecção acabando por publicar, no ano de 1996, a “Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa”.

No ano de 1996 procede à montagem e abertura do **Museu da Casa Grande** (em Freixo de Numão) com as componentes arqueológica e etnológica, aí expondo inúmeros materiais provenientes dos projectos de arqueologia que têm vindo a ser desenvolvidos na área daquela freguesia. Ainda nesse mesmo ano com o apoio do *ProNorte* (Sub-Programa C), procede-se à abertura do “Circuito Turístico/Arqueológico de Freixo de Numão” bem como à musealização de alguns dos sítios escavados.

Este e outros projectos (Castelo Velho, sob a orientação de Susana O. Jorge; Castanheiro do Vento, sob a orientação de Vítor O. Jorge e outros; Praço/Neolítico, sob a orientação de Sérgio Rodrigues), integram-se num único projecto com a denominação “*Estudos e Valorização de Sítios Arqueológicos da Área de Freixo de Numão*”, que tem como entidade coordenadora a Associação Cultural local. Nos anos de 1997, 1998 e 1999, foi o citado projecto financiado pelo PROCOA.

FREIXO DE NUMÃO CASTREJA, ROMANA E MEDIEVAL

Na segunda metade do século XVIII, um dos Vasconcelos nobres desta mui nobre (então) vila de Freixo de Numão, noticiava à Academia de História (criada pela mui iluminada ideia do Marquês de Pombal), a existência nesta freguesia, no lugar da Devesa, de duas inscrições (ou letreiros). O mesmo “noticiante” adiantava, inclusivamente, uma provável leitura. Uma seria uma dedicatória aos *Lares Turolici* e outra a *Luno Veaeamuram*.

A partir do ano de 1980, graças ao projecto de investigação de ANSC, foi possível referenciar um grande número de Vilas e Casais Romanos no termo de Freixo de Numão. Tais registos permitiram avançar com a hipótese de aqui ter existido, no I milénio a. C., um importante Castro (vulgo Citânia) e, já no período de ocupação Romana, uma Civitas com uma certa importância. O ilustre arqueólogo Jorge de Alarcão, coloca mesmo a hipótese de ali se ter localizado a ainda não encontrada Civitas de **Meidobriga**.

Mas se a investigação dentro da área da freguesia de Freixo de Numão não tem sido fácil, o certo é que diversos materiais recolhidos apontam para uma ocupação confirmada na Idade do Ferro (comprovada através de materiais mas tam-

bém de análises de Carbono 14). Um fragmento de cerâmica da Idade do Bronze, dois machadinhos votivos em selimante e outros, levam-nos igualmente a colocar a hipótese de uma ocupação anterior, no Bronze (II milénio antes de Cristo).

Da Idade Média e período Tardo-Medieval, são igualmente inúmeros os vestígios já detectados e registados. Destacamos as preciosas colecções de cerâmicas comuns e faianças exumadas nas escavações da Casa Grande, que terão pertencido a *gente palaciana* nos séculos XVI/XVII. Sobre as faianças, foi já feito um trabalho de análise pelo senhor Dr. Rafael Salinas Calado, do Museu de Arte Antiga.

No Largo de S. João foram detectadas importantes estruturas (quer no Largo quer em zonas de habitações) Romanas e Medievais. No Castelo, nas obras de uma casa de José Adelino Ferreira, diverso material da Idade do Ferro foi recolhido. Na Rua da Boavista, registo de estruturas e materiais Romanos, de sepulturas medievais e outros.

O edifício da Casa Grande onde está instalado o Museu, deve ter sido construído por meados do século XVIII. Depois, no último quartel desse século, o edifício original foi ampliado e construída a Capela (anexa) num exuberante *rococó*!

No lado este (nascente) foi ainda construído um grande anexo que acabou por entrar em ruína, ruína essa ainda visível nos anos 70. Desse anexo ainda se preservam, no local, vestígios dos caboucos.

Quanto às ruínas que se vêem (agora musealizadas) registamos um celeiro romano, uma zona de serviços, onde foi possível detectar actividades como a *forja e ferragem*, moagem e tecelagem. Também restos de uma colunata prenunciam um átrio exterior de uma casa de habitação (*pars urbana*) que confina com a área de serviços referida.

De vestígios medievais que tivessem sobrevivido restam poucos indícios, já que a ocupação tardo-medieval e moderna foi ali muito acentuada. Isso não impediu, no entanto, a recolha de moedas dos primeiros reis da nossa dinastia, bem como de restos cerâmicos significativos.

Importantes são os vestígios do palácio que ali existiu antes do da “Casa Grande”, dos séculos XVI e XVII, provavelmente pertencente a um tal Andrez Perez Carneiro Hanriques(?!), isto a atestar por um selo de chumbo que foi exumado durante as escavações.

São inúmeras as faianças e cerâmicas comuns recolhidas nas escavações do Quintal e de duas lojas do Solar, bem como metais, restos osteológicos (de animais) e outros materiais.

Ainda do período romano, de registar o grande número de *sigilatas* recolhidas bem como cerca de 140 pesos de tear em barro, muitos deles com marca de oleiro (vid. Carta Arqueológica do Concelho de Foz Côa, de ANSC, 1996).

Uma mó manual da Idade do Ferro bem como fragmentos de outras, foram recolhidas quer nas escavações quer nos muros do edifício.

O SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO, ROMANO E MEDIEVAL DO PRAÇO

O sítio arqueológico do **Praço** localiza-se dentro do termo da freguesia de Freixo de Numão, junto de um cruzamento de vias com a denominação de **Pedra Escrita**. Sítio lendário, onde o povo dizia ali ser o “Freixo antigo”, onde teria existido a Capela de S. João ou Santa Joana, de onde as pessoas haviam fugido, aban-

donando de vez o lugar, porque as “formigas comiam as criancinhas”!

Depois da lenda, que terá passado, através de séculos, de pais para filhos, a confirmação através de uma arroteia (há uns cento e cinquenta anos) para plantio de amendoeiras, num pequeno morro daqueles terrenos, havendo sido destruídas sepulturas em xisto, partidas aras e fustes, lascados capiteis, o que chamou a atenção do historiador Dr.^o João A. Pinto Ferreira. Na sua obra (Freixo de Numão – Aparentamentos), refere esses vestígios.

Em 1981, duas sondagens realizadas naquele local permitiram-nos pôr a descoberto estruturas de uma provável Igreja ou Necrópole, bem como recolher significativos materiais da época Romana. Iniciámos, então, um processo de aquisição daqueles terrenos, processo esse que se tornou difícil devido ao facto de haver vários herdeiros a contactar! Só em 1995 foi possível a aquisição, e o reinício da investigação.

Terminadas as super-campanhas de escavação arqueológica de 1995 e 1996, surpreende-nos a apetência pelo lugar desde os tempos do “Homem do Neolítico”. Ali, entre os rochedos graníticos, carvalhos, pinus, imbrós e carrascos, nascentes de água cristalina e, provavelmente, um oásis de fauna bravía, povos de várias épocas assentaram arraiais para viver em comunidade.

Em Abril de 1996, escavando níveis anteriores à ocupação romana, punha-se a descoberto estruturas e materiais da ocupação pré-histórica. Depois em mais duas sondagens realizadas nos patamares superiores, foram descobertos, junto a rochedos, outros vestígios da ocupação Neolítica e ainda restos de um murete e buracos de poste, que terão correspondido a uma cabana do Bronze Final (cerca de 800 a. C.). Estará, esta última, associada à ocupação da Idade do Bronze detectada num rochedo localizado nas proximidades, denominado Pedra Escrita, contém um crânio, um antropomorfo e o símbolo solar, podendo a sua gravação ter sido lugar durante este período (Bronze).

Uma “estela antropomórfica”, de grandes dimensões, foi recolhida no sítio do Prazo, podendo o seu aproveitamento reportar-se ao Neolítico.

Escavações arqueológicas levadas a efeito pelo arqueólogo Dr. Sérgio Rodrigues, têm permitido o estudo do Neolítico Antigo local e, provavelmente, de outros períodos de ocupação anterior. De registar também a descoberta de um “biface acheulense”, que remontará ao período Paleolítico!

Bem documentada começa a estar a ocupação Romana do lugar. Uma Villa ali terá sido construída nos séculos I/II d. C., sendo a estrutura mais bem conservada (desta primeira ocupação) a provável “zona termal” (Zona A – vid. planta geral). Materiais diversos (cerâmicas, vidros, numismas e outros) e inscrição dedicada a Júpiter, são alguns dos vestígios desta ocupação.

Depois, uma segunda ocupação entre os anos 50 a 275 d. C. Os espaços de características palacianas (caso da zona termal) vão sendo substituídos e ampliados, apresentando sinais de uma ocupação mais desenvolvida. Ainda durante esta curta ocupação, é aproveitado o patamar superior para a construção da villa (vid. planta 2 anexa). Escavações arqueológicas no local, nos anos de 1997 e 1998, permitiram a detecção de uma área ligada ao armazenamento e moagem de cereais, bem como de uma cozinha, um forno e uma lareira.

Sujeita a saque e incêndio durante o último quartel do século III d. C., foi a Villa abandonada para ser reocupada nos inícios do século IV d. C.

Duas pequenas sepulturas (geminadas) construídas com pedra e aproveitando diaclases da rocha, continham 2 moedas de Constantino (séc. IV d. C.). Foi exumada uma grande quantidade de cerâmica, numismas e outros materiais desta 3.^a ocupação romana do lugar.

No século V d. C. (em pleno período Paleocristão), terão edificado um Templo, aproveitando parte da estrutura da “casa senhorial”. Os construtores terão utilizado, no adorno e suporte das naves, materiais romanos (bases, fustes e capiteis). Um fundo de cerâmica cinzenta tardo-romana exumado, continha gravado o “Crismon”.

O templo terá sido (por volta do século X) ampliado para este e construídas duas alas laterais (a norte e a sul). O abandono definitivo deve ter-se verificado no último quartel do século XIII.

Um conjunto de 22 sepulturas (de diferentes épocas) foi posto a descoberto, encontrando-se as ossadas a ser estudadas pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. De registar que as sepulturas 9 e 10 resultaram de um reaproveitamento de dois tanques romanos (prováveis fornos de cozedura de tegula).

Desconhece-se o local de habitação das pessoas que ali foram sepultadas! Existirá, nas imediações, uma aldeia medieval ainda por descobrir?

No átrio interior da “Villa Romana”, foram descobertos dois fornos de fundição de metal (vid. zonas H e L na planta anexa). Neste espaço, no solo de base, buracos de poste e fossas (em forma de pégada) poderão estar relacionados com a ocupação Neolítica ou outra ocupação anterior?!

Uma ocupação dos séculos XIV/XV, com vestígios ténues de estrutura na zona do Templo (em sobreposição a este), com uma utilidade que nada tem a ver com o culto, foi igualmente registada. Durante esta ocupação surge a reutilização de um sarcófago (sepultura 8) como provável manjedoura!

Na zona E registou-se um forno de secar figos (pouco mais que secular), que estará relacionado com as casas reaproveitadas para Centro de Interpretação.

Estamos, pois, perante o sítio arqueológico mais importante do denominado **Complexo Arqueológico de Freixo de Numão**, importância essa que lhe advém da multiplicidade de ocupações e ainda do enorme interesse científico que potencia.

Aqui, mais do que uma vez, gentes teimaram e ficaram, formaram comunidade, cultivaram as terras do vale, cabendo, a cada morador, fogo ou vizinho uma **Almoinha** de terra.

Tocavam os sinos da Igreja para reunir e discutir assuntos de interesse para todos os vizinhos. Gentes que ali deixaram a carne e os ossos viveram num aprazível local que teve um nome, hoje apagado porque não restou memória dele.

A VIA ROMANA E PROVÁVEL MUTATIO NO SÍTIO DAS REGADAS

Estamos perante um troço de calçada de uma importante via romana que ligaria, na época, as duas margens do Douro, no sítio do Torrão. Esta via, principal, com cerca de 4 metros de largura, entra no termo de Freixo de Numão na margem direita da ribeira Teja, na zona da Zaralhoa. Segue depois por toda a zona da La-

meira, cruza com uma outra via (secundária e do Baixo Império) no lugar da Pedra Escrita (junto ao **Praço**, onde se procedem actualmente a importantes campanhas de escavação, pondo-se a descoberto vestígios da Romanização mas também de períodos anteriores e posteriores a esta). Depois, segue para a Portela, Tanque do Sapo, lugar do Cruzeiro e vira para o Redoído, atravessando as **Regadas** a caminho dos **Escorna Bois**. Daqui à Senhora da Esperança, onde cruza com a via secundária do **Rumansil**, seguindo depois para Murça e daqui para o Douro no lugar do Torrão. Na outra margem do Douro segue para Carrazeda de Ansiães e daí, por “Trás-os-Montes a fora” até *Aquae Flaviae*(?!)

Voltando ainda ao traçado da via, de registar duas derivações não menos importantes: uma no lugar (citado) do Cruzeiro para uma provável *civitas* (onde hoje se localiza Freixo de Numão) – Meidóbriga? – e outra a partir de Murça para Mós, Fontainhas e Quinta do Saião (no Douro).

Importante foi o facto de, durante a desmatção e limpeza do troço de calçada em questão, se ter posto a descoberto o que teria sido uma *ferraria* e vestígios (ainda em estado embrionário de investigação) de uma provável *Mutatio*.

Para além da actividade de ferreiro, encontrámos um peso de tear em barro e uma lagareta de vinho, o que pode atestar, ali, a presença de uma estrutura com uma multiplicidade de funções e utilidades(!). Restos de três tanques, dois quadrangulares e um circular (para conterem palhas, gramíneas, farinhas...) podem querer indicar-nos um descanso de animais de carga ou trela. No entanto, só escavações futuras poderão levar ao estudo exaustivo do sítio e das suas funções na era esplendorosa dos Imperadores de Roma.

Já perto da linha de água (ribeiro) encontra-se uma “lagareta” cavada na rocha granítica. Serviria a mesma para ali masgar??? as uvas, escorrendo depois o “mosto” para *dolia* (talhas de barro) que eram colocadas na rebaixa (natural?) da citada rocha.

Na travessia do ribeiro, apenas vestígios de uma pequena ponte (para o povo vulgo *pontão*), em arco de volta perfeita, que depois de prováveis ruína e arrastamento por alguma grande cheia, foi reparada com a colocação de duas grandes lajes de xisto (do poio de Foz Côa) assentes nos anteriores apoios do arco. Vestígios ainda de ferragens e encaixes nas duas entradas da citada ponte, levaram-nos a concluir ali ter existido, há muitos séculos, duas portas que teriam a função de controlar as passagens de carroças, pessoas e animais, certamente a troco da entrega de uns tantos bolhões, ceitis, vinténs ou reais! (vulgo portagem).

O facto de teimarmos em não querer utilizar herbicidas naquela zona que esperamos venha em breve a ter o estatuto de *Área Protegida de interesse regional e local* (também pela sua riqueza de flora e fauna), leva-nos a ter que intervir, três ou quatro vezes por ano, na limpeza daquele importante vestígio milenar. Mas, apesar de tudo, vale a pena. Encontra-se devidamente sinalizado e o trânsito a veículos foi cortado.

A VILLA RÚSTICA ROMANA DO ZIMBRO II

O sítio arqueológico do **Zimbrow II** localiza-se no importante vale vinícola dos Escorna Bois, a cerca de 100 metros da via romana.

Os vestígios arqueológicos foram bastante destruídos, provavelmente em mea-

dos do século passado, tendo o material de construção (pedras e blocos graníticos) sido reutilizado para os muros dos socacos da vinha que ali foi então plantada.

O estudo da estação tem-se tornado complexo, atendendo ao grau de destruição e remeximento, o que tem impossibilitado o estudo a partir das análises da estratigrafia. A primeira ocupação, dos séculos I/II d. C., apenas poderá ser parcialmente adivinhada nos negativos que restaram dos caboucos implantados sobre a rocha de base (saibrosa). Análise de Carbono 14 em duas amostras de carvões deram-nos as seguintes datas, para esta primeira ocupação: a amostra 2/91, de uma lareira, a data calibrada de 2 cal BC e a amostra 3/91, de um sub-estrato junto à rocha de base, a data calibrada de 76 cal AD. Assim, se para uma primeira ocupação dispomos de datações de Carbono 14, para a segunda ocupação alguns (significativos) vestígios cerâmicos e numismas levam-nos até aos séculos III/IV d. C., podendo prolongar-se, a ocupação, pelos séculos V/VI(!).

Julgamos, pois, estar perante a *pars rústica da zona do Zimbrow*, já que, a cerca de 100 metros, vestígios (em zona de vinha) pronunciam uma provável *pars urbana*(?).

Não tem sido fácil a interpretação da utilização de alguns dos compartimentos da estação. Bem definidas estão as zonas da Cozinha, Forja e Moagem. Complexa é a definição da utilidade de quatro tanques forrados a *opus signinum*, sem qualquer escoamento para líquidos(!). Se o tanque associado à estrutura C (área de forja e ferragem) poderá muito bem ter servido para armazenamento de carvão ou de escórias, os dois tanques do compartimento B têm sido um autêntico quebracabeças. Duas conchas de molusco (amêijoas do rio) recolhidas no interior de um destes dois tanques, levaram-nos a colocar uma hipótese inicial de ali ter existido uma micro-indústria de conserva de peixe de água doce. De notar que até à retenção das águas do Douro pelas barragens, se pescava nas suas entranhas o solho ou esturjão. Este peixe (que chegava a deitar 80 a 90 quilos e mais), as suas ovas e as amêijoas do rio poderiam dar um *garum* especial, que alguém transportaria em *dolia* para outros centros consumidores!

O tanque localizado no compartimento G, junto a uma provável tulha (estrutura f), deveria ter uma qualquer função de armazenagem!

Alguns pesos de tear em barro (e também em xisto) foram recolhidos, mas não foi possível contextualizá-los, espacialmente, pelo que se torna difícil definir esta actividade no conjunto dos compartimentos da estação.

Entre os materiais exumados a saliência vai para um dolium no compartimento da Cozinha, tendo, no bojo, gravada a provável marca de oleiro: **LON.(ibus) F.(ilius)**.

A VILA RÚSTICA ROMANA DO RUMANSIL I (MURÇA DO DOURO)

Esta *villa rústica* do Baixo Império apresenta-nos dois edifícios que se ligariam entre si por um longo alpendre. Num dos edifícios (o mais pequeno) registámos restos de um forno onde se teria fundido *chumbo* e outros metais; uma zona de cozinha; dois quartos(?) e uma zona ampla de serviços. Num outro, de maiores dimensões, zona de celeiros e moagem, provável cavalaria, lagar de vinho, armazém de vinhos (em *dolia*), oficina de canteiro e oficina de metalurgia. Para sul desde edifí-

cio, dois *fornos* de cozer cerâmica, um de maiores e outro de menores dimensões, tendo-se exumado, no *forno mais pequeno* alguns pesos de tear (*pondus*) em barro ainda não cozidos(!). Junto ao forno maior, dezenas de fragmentos de *dolia*, levam-nos a colocar a hipótese de ali terem sido fabricados e cozidos muitos daqueles grandes vasos que temos recolhido nas diversas escavações realizadas nesta área. A marca de oleiro que já nos surgiu em três exemplares (L. F) pode muito bem corresponder a esta estrutura *oleira* do **Rumansil I**. A marca de oficina numa das *tégulas* recolhidas neste sítio arqueológico (*"Reclas Oficina"*) poderá ser oriunda de um outro local que não este(?!).

De notar que a **Villa** está devidamente murada (acastelada?) o que poderá indiciar um certo objectivo defensivo, mais pela prevenção de investidas de animais selvagens do que de pessoas.

No compartimento que referenciámos como *oficina de canteiro*, exumámos uma lagareta em xisto (inacabada?) e um berrão em granito (também inacabado?). Esta actividade parece estar também documentada num dos rochedos que se encontram no exterior sul dos fornos, apresentando o mesmo a configuração (esculpida) de uma ave (águia, pomba?).

Materiais de chumbo e ferro exumados denotam perfeitamente o fabrico local. Grande quantidade de numismas da 2.^a metade do século III d. C. foi recolhida nas campanhas de 1994 e 1995.

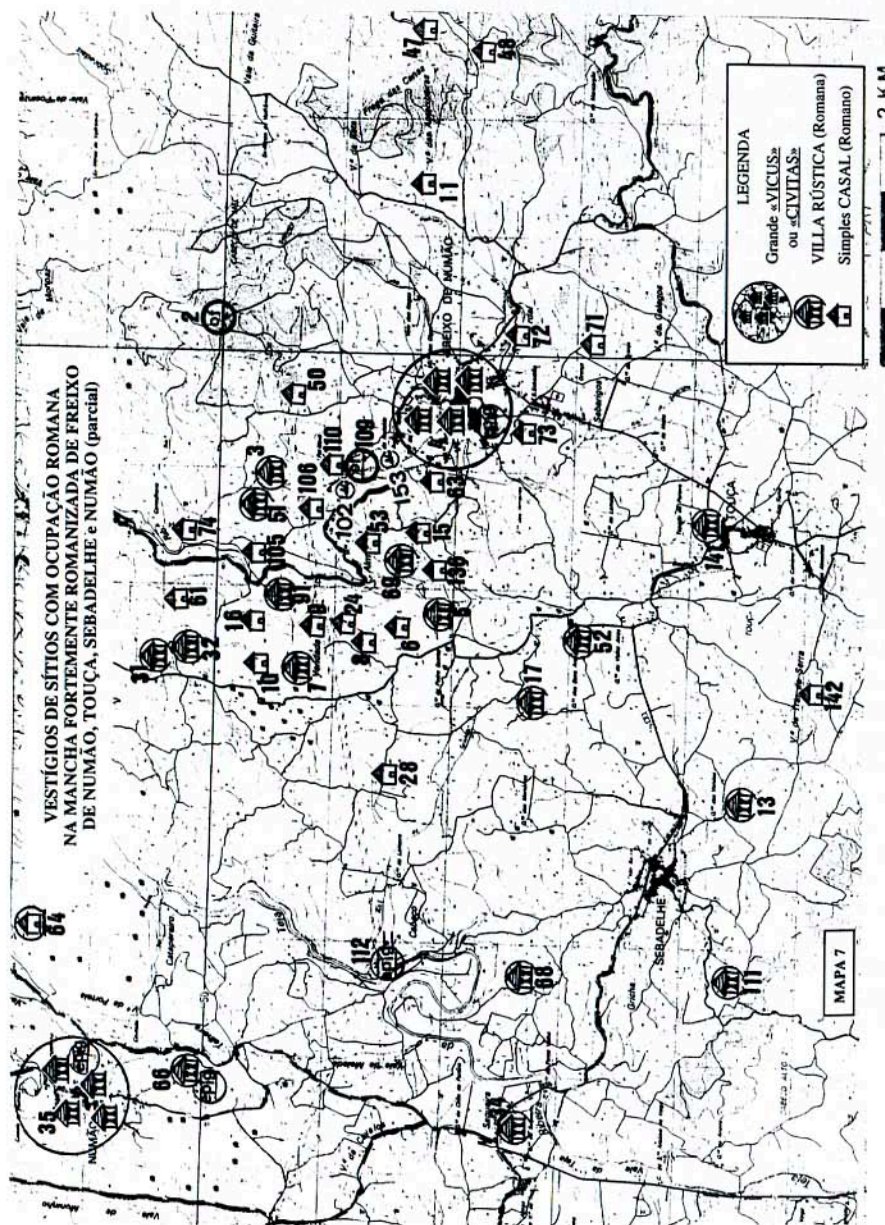
Alguns fragmentos cerâmicos de características medievais haviam sido exumados, em duas áreas exteriores às estruturas, associados a restos de fogueiras. Duas amostras de carvões desses locais vieram datar-nos essas mesmas cerâmicas do século XI (data calibrada de 1020 Cal AD) e ainda do século XIII (data calibrada de 1282 Cal AD). Corresponderão, não a uma fixação efectiva (por ausência de material de construção e material de cobertura, e ainda de qualquer contexto arqueológico), mas sim temporária, do tipo *cabana*, talvez associada a pastorícia ou caça.

A cerca de 200 metros deste local, um outro com imensos vestígios de *tégula*, *dolia*, imbrex e ainda estruturas (muros) visíveis, pronunciam a existência de mais uma estrutura agrária do Baixo Império. Pensamos, até, não estar este local (**Rumansil I**) e o **Rumansil II** dissociados, mas sim como fazendo parte da mesma *Villa* rústica. Pensa-se, até, existir no denominado **Rumansil II** a denominada *pars urbana* e no **Rumansil I** a *pars rústica*. É, por isso, de enorme importância para o estudo das *villas romanas* nesta zona do Douro, a futura intervenção arqueológica no **Rumansil II** (propriedade privada, ainda agricultada!).

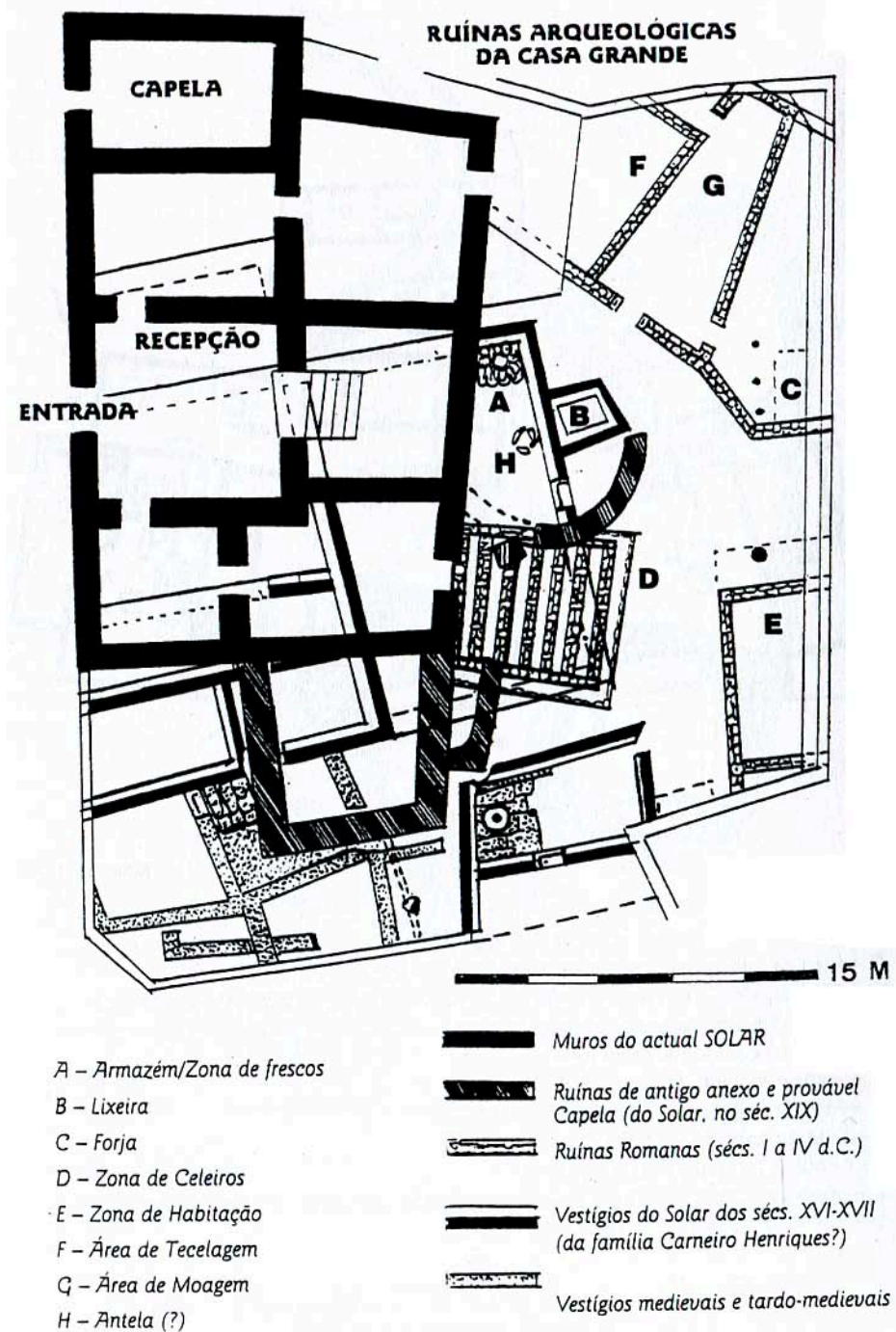
Esta situação de sítios separados apenas por 100 ou 200 metros encontramos no **Zumbro I / Zumbro II**; **Vendada I / Vendada II**; **Vendada IV / Vendada V**. Pena é que, tanto no **Rumansil** como no **Zumbro**, apenas se tenha estudado a provável *pars rústica*(!).

BIBLIOGRAFIA

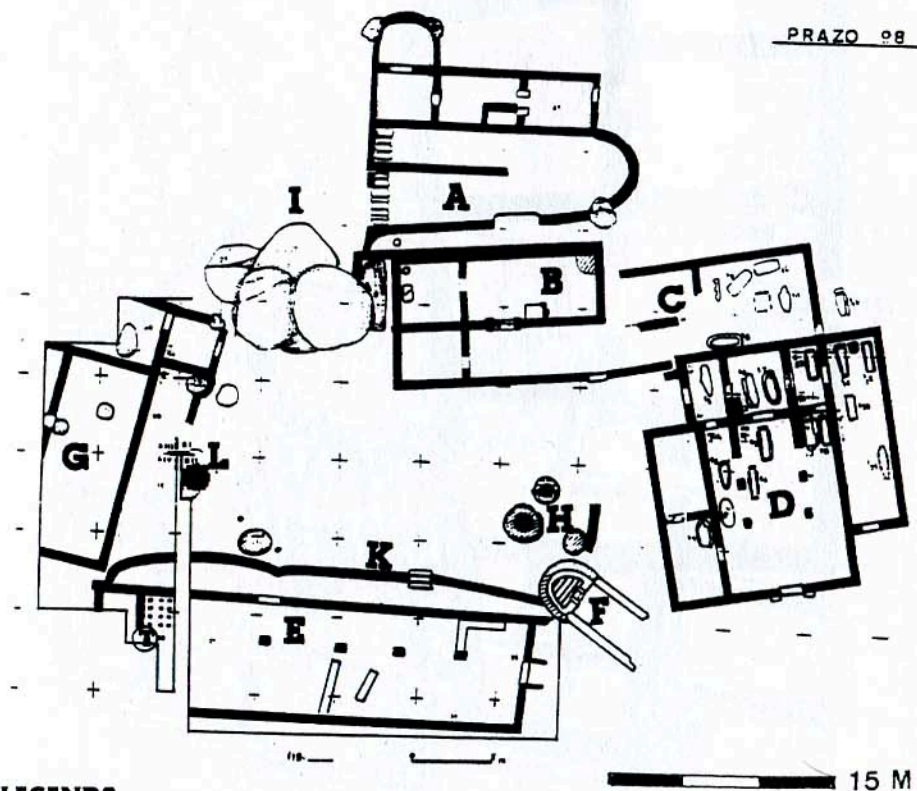
- COIXÃO, António N. Sá (1995), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, edição da Câmara Municipal, reeditada em 1999.
- COIXÃO, António N. Sá (1996), *Um Projecto – a Investigação – a Musealização e um Circuito*, edição da ACDR de Freixo de Numão.
- COIXÃO, António N. Sá (1999), *Rituais e Cultos da Morte na Região de Entre Douro e Côa*, edição da ACDR de Freixo de Numão.
- COIXÃO, António N. Sá & ENCARNAÇÃO, José (1997), *Foz Côa Romana – Notas epigráficas*, edição da Câmara Municipal.
- FERREIRA, João Albino Pinto (1958), *Freixo de Numão – Apontamentos*, Porto.



Localização de sítios com ocupação romana no ar de Freixo de Numão.

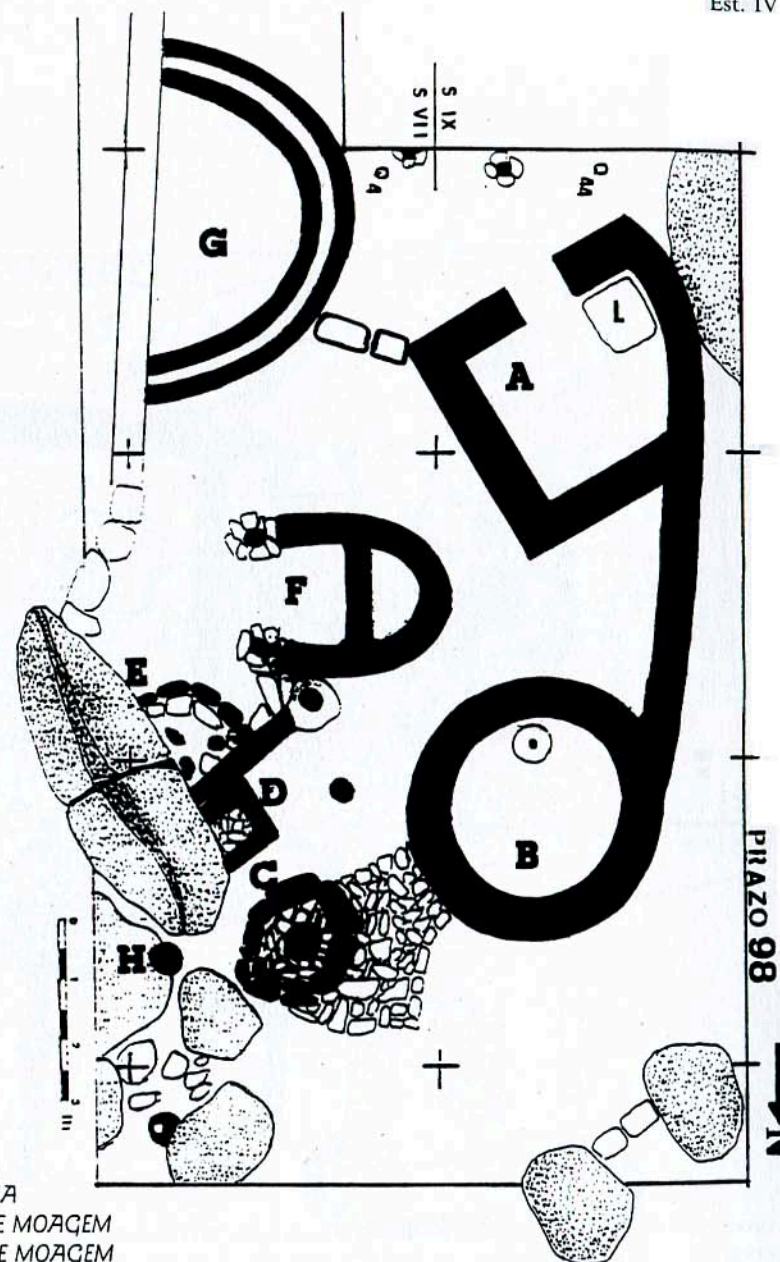


Desenho das estruturas de várias épocas registadas durante as escavações arqueológicas na Casa Grande de Freixo de Numão e quintal anexo.

**LEGENDA**

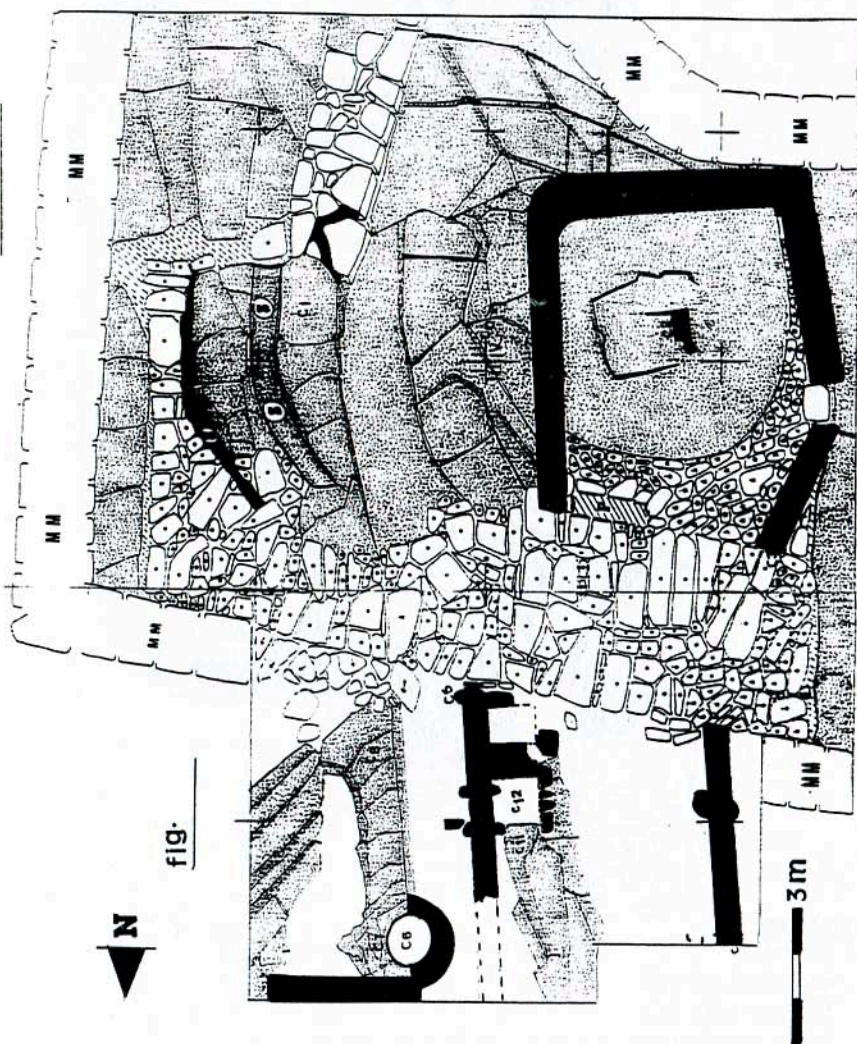
- A – Provável ZONA TERMAL dos sécs. I-II d.C.
 B – Edifício construído por volta de 250 d.C.
 C – Área de fornos de cozedura de tégula (a partir do séc. III d.C.)
 D – TEMPLO CRISTÃO (sécs. V a XIII d.C.) edificado sobre a casa senhorial romana.
 E – Edifício romano, ocupado entre os séculos I e III d.C. (com áreas de armazenamento)
 F – FORNO moderno (de secar figos)
 G – Edifício romano do século IV d.C.
 H – FORNO de fundição de metal (séc. III d.C.)
 I – Zona de ocupação Neolítica
 J – TANQUE forrado a "opus signinum"
 K – Muro de suporte de terras e espaço aproveitado como zona de armazenamento
 L – FORNO de fundição de metal (séc. IV d.C.)

Desenho das estruturas registadas durante as escavações arqueológicas no patamar inferior do sítio do Prazo.

**LEGENDA**

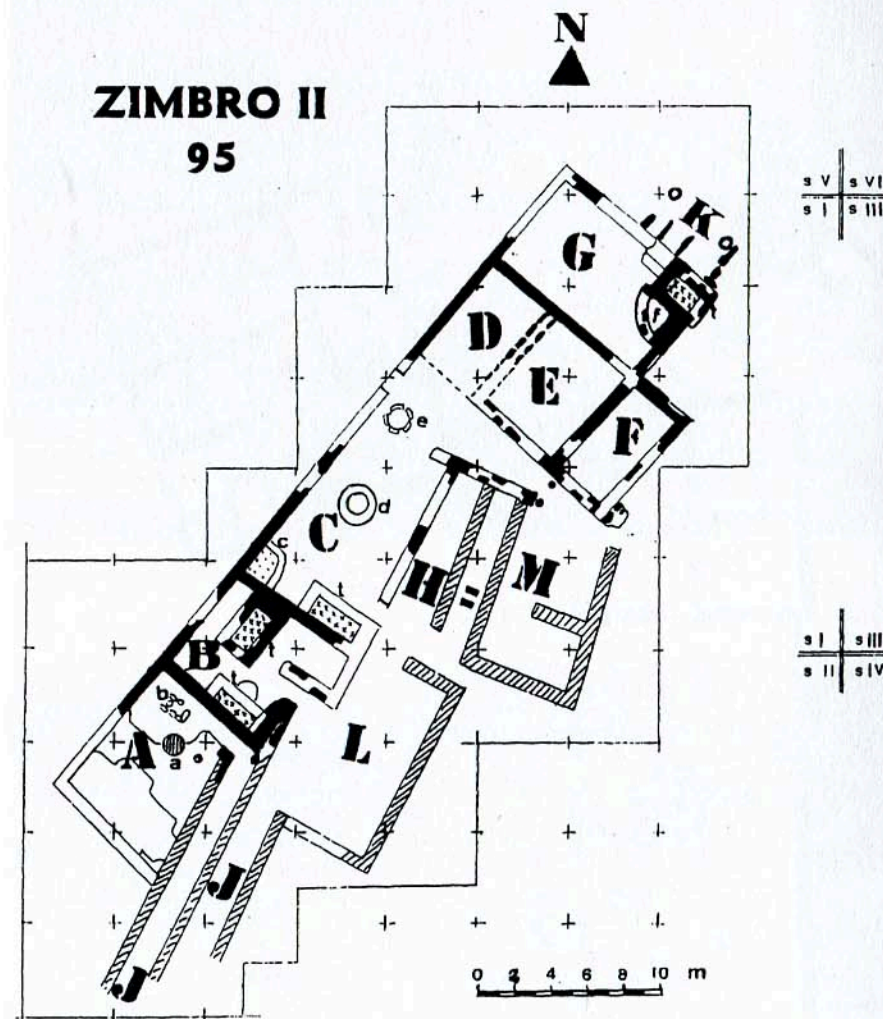
- A – COZINHA
 B – ÁREA DE MOAGEM
 C – ÁREA DE MOAGEM
 D – TANQUE ou TULHA
 E – LAREIRA
 F – FORNO (de cozer pão?)
 G – Área de armazenamento e secagem de cereais
 H – FOSSA para depósito de dolium
 L – LAREIRA de cozinha

Desenho das estruturas da Pars Fructuária da villa romana do Prazo (área escavada).

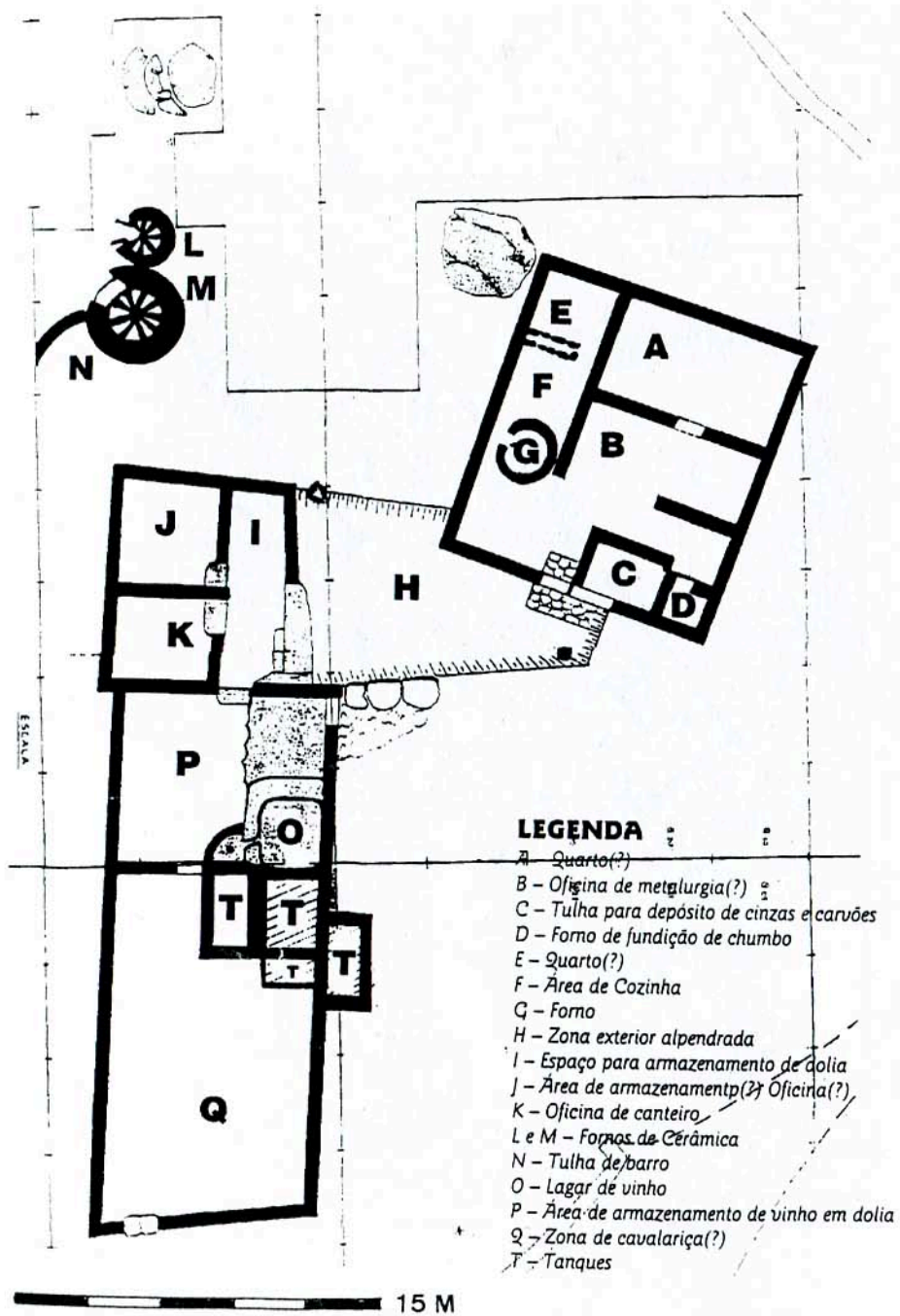


A. calçada romana; B. provável ferraria; C. provável mutató;
T. tanques (um circular e dois quadrangulares).

ZIMBRO II 95



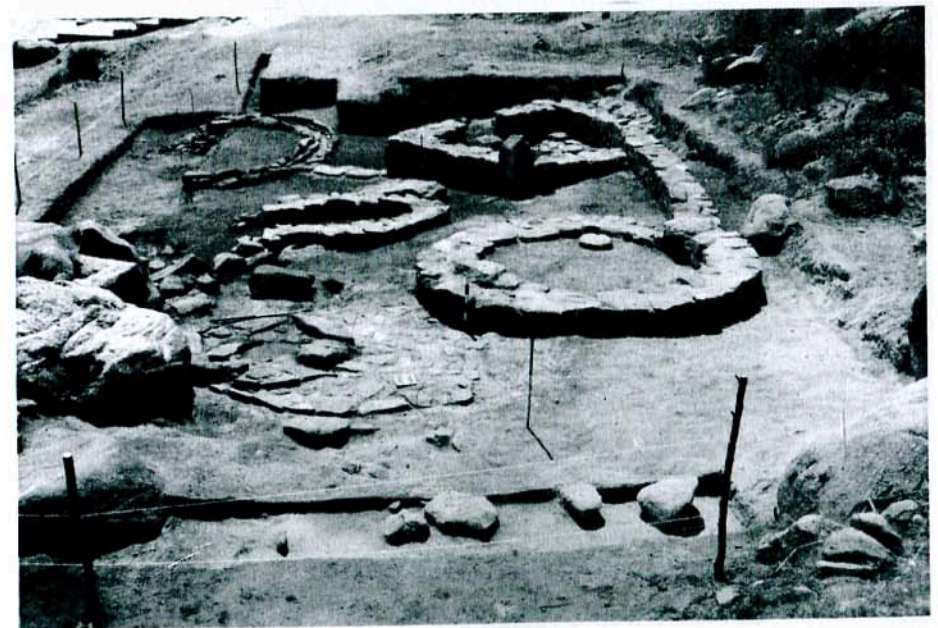
A. zona da cozinha; B. compartimento com dois tanques (utilidade desconhecida); C. zona de serviços diversos; D/E. oficinas(?); F. quarto; G. utilização indefinida; H. cavaleriças; J. corredores de acesso; K. átrio exterior; L/M. utilização indefinida; a. fossa aberta na rocha para conter um dolium; b. lareira; c. área de forja e ferragem; d. provável forno; e. pequena estrutura circular (ligada à moagem(?); f. tulha(?); g. tanques forrados a opus signinum.



Desenho das estruturas postas a descoberto no sítio romano do Rumansil I.



Vista geral da Villa Romana do Prazo.



"Pars fructuária" da Villa Romana do Prazo (parte já escavada).



Calçada romana e provável Mutatio no lugar das Regadas.



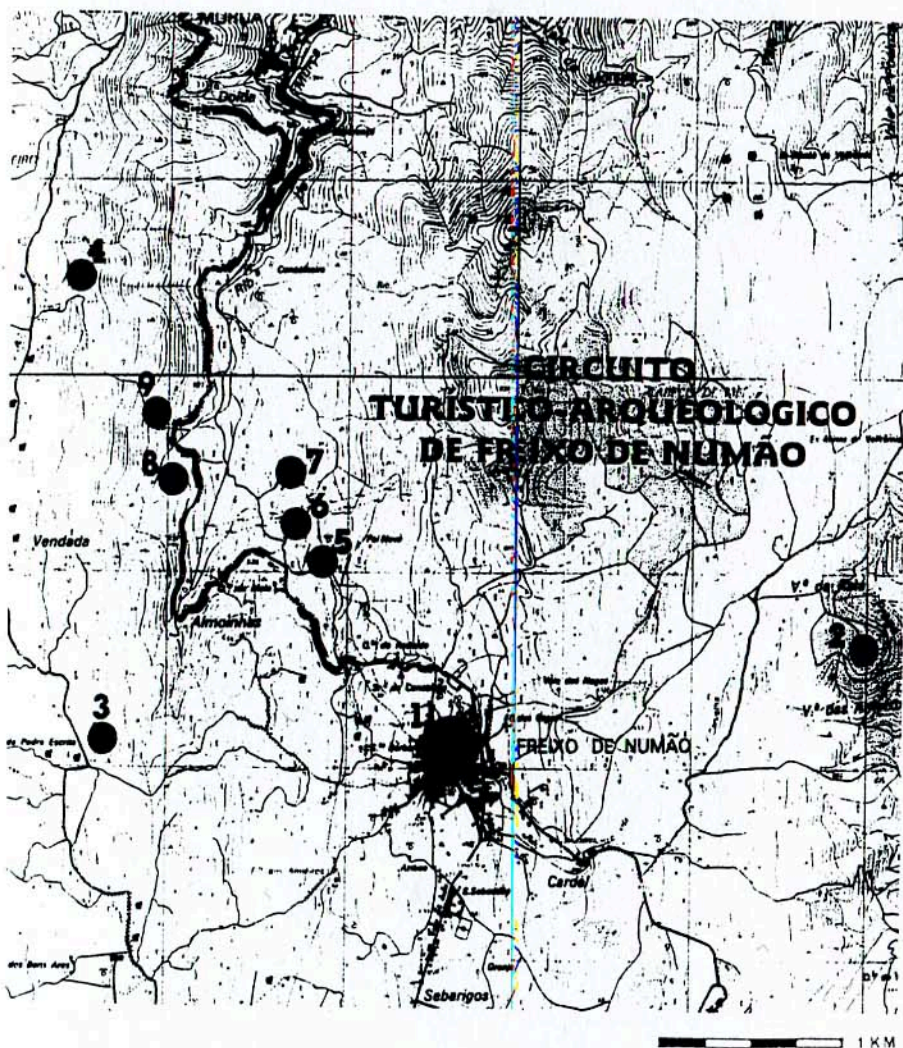
Zimbro II – Villa rústica romana.



Rumansil I – Villa rústica romana.



Vestígios de celeiro romano – no quintal da Casa Grande.



- | | |
|--|---|
| 1 - Museu da Casa Grande, Ruínas Arqueológicas, Centro Histórico; | 5 - Alçada Romana, Ferraria e Mutatio, Leçareta, Pontão |
| 2 - Castelo Velho (povoado pré-histórico); | 6 - Minho de Cubo das Regadas |
| 3 - Prazo (vestígios do Neolítico, Bronze, períodos Romano e Medieval; | 7 - Vila rústica Romana do Zimbro II |
| 4 - Rumansil I (Villa rústica Romana) | 8 - Clodreira/Escorna Bois (Romano) |
| | 9 - Feno/Anta da Colodreira |

Localização dos sítios já visitáveis no Circuito Turístico-Arqueológico de Freixo de Numão.

POVOAMENTO RURAL ROMANO DO ACTUAL CONCELHO DE ARRONCHES (PORTALEGRE, ALTO ALENTEJO, PORTUGAL): A AMOSTRA DISPONÍVEL

por

Isabel Pinto*

Resumo: Pretendeu-se com a apresentação deste poster sistematizar os dados disponíveis sobre a ocupação rural romana no concelho de Arronches, avaliando a natureza e a proveniência dos mesmos.

De um modo sucinto, abordam-se os primeiros trabalhos de prospecção sistemática que se vêm realizando desde 1998, enquadrados num projecto de Estudo do Povoamento Rural Romano, assim como a realização da primeira campanha de escavações numa *uilla* romana, a noroeste do concelho: *uilla* romana do Monte da Capela (Assunção, Arronches).

Palavras-chave: Romanização; povoamento; prospecções.

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Arronches é um dos 15 concelhos do Distrito de Portalegre e ocupa uma área total de 314,5 Km². (Figs. 1 e 2)

O concelho é constituído pelas freguesias de Esperança, Mosteiros – de carácter essencialmente rural – e pela freguesia de Assunção, à qual pertence a vila de Arronches, sede de concelho. (Fig. 3)

Relativamente à Vila de Arronches, esta ergue-se no cume de um pequeno monte, na margem esquerda da Ribeira de Arronches. É esta que margina o núcleo urbano, situado na zona de confluência da Ribeira de Arronches com o Rio Caia.

O aglomerado urbanizado integra-se numa zona charneira entre várias unidades morfológicas e, como principal condicionante biofísico, destaca-se a existência de uma mancha linear de Reserva Agrícola a marginar a Ribeira de Arronches.

Parte do concelho (Noroeste) está integrado na área do Parque Natural da Serra de S. Mamede, uma zona de elevada importância geomorfológica, paisagística e florística que integra, igualmente, um significativo património histórico e cultural.

* Arqueóloga do Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Arronches.